

# CARTAS AOS MINEIROS: DE FERNANDO SABINO PARA PAULO MENDES CAMPOS, OTTO LARA RESENDE, HÉLIO PELLEGRINO E ALÉM

## LETTERS TO MINEIROS: FERNANDO SABINO DE PAULO MENDES CAMPOS, OTTO LARA RESENDE, HÉLIO PELLEGRINO AND BEYOND

Francine Carla Rojas<sup>1</sup>  
Ricardo Magalhães Bulhões<sup>2</sup>

**RESUMO:** A fim de erigir uma teorização da carta, o artigo irá se deter no livro *Cartas na mesa* (2003), volume com as missivas do escritor Fernando Sabino para os amigos Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende e Hélio Pellegrino. As cartas constituem relevante documentação de uma amizade que imprimiu marca na Literatura Brasileira. A tese é a de que para ler as cartas no século XXI, é exigido uma articulação imbrincada no conceito de fronteira. A discussão emergirá dos apontamentos de Walter Mignolo em *Histórias locais/projetos globais* (2003) visto que o crítico menciona a dupla natureza da fronteira. A necessidade de que a teorização epistolar se erija a partir da perspectiva fronteiriça justifica-se pelo fato de que a discussão muitas vezes centra-se em ressaltar características como a hibridéz textual sem considerar que acompanha as mudanças culturais. O embasamento teórico parte da Crítica Biográfica e da pós-colonialidade.

**Palavras-chave:** Cartas. Teorização. Fronteiras. Amizade.

### I - Introdução

No ensaio “A dona ausente: Mário de Andrade e Henriqueta Lisboa” Eneida Maria de Souza explica que um dos marcos do movimento modernista foi solidificar a prática de escrever cartas na Literatura Brasileira. Não que antes não existisse, mas foi a partir desse movimento que a recorrência das cartas se fez notar:

Eu sempre afirmo que a literatura brasileira só principiou escrevendo cartas com o movimento modernista. Antes, com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam “estilo epistolar”, oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeito à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (SOUZA, 2000, p. 297).

A afirmação de Souza é corroborada com a consolidação dos estudos epistolográficos a partir das publicações das cartas do intelectual e escritor Mário de Andrade. Por sofrer de “gigantismo epistolar” Andrade se correspondeu com vários artistas e intelectuais e gerou um número massivo de correspondências, possibilitando aos pesquisadores interessados, em uma ampla gama de possibilidades, o estudo da época a partir do texto epistolar.

A história da epistolografia é peculiar e composta de desvanecimentos e de nascimentos. O primeiro refere-se a sua prática e o segundo à crítica que se debruça sobre seu estudo e ao

---

<sup>1</sup> Mestra em Estudos de linguagens e graduada em Letras pela UFMS. Doutoranda em Letras pela mesma instituição.

<sup>2</sup> Mestre e Doutor em Literatura e Vida Social pela UNESP de Assis, com pós-doutorado em Teoria Literária pela Unicamp (IEL); Professor de Literatura Brasileira na graduação e no PPG-Letras, Mestrado e Doutorado, na UFMS, no Câmpus de Três Lagoas. Nos últimos cinco anos tem publicado trabalhos sobre duas vertentes básicas: a ficção brasileira contemporânea e suas relações intertextuais com outras épocas; leitura na escola ontem e hoje, reflexões relacionadas à prática de leitura nos livros didáticos.

aparecimento de uma nova forma de comunicação, o e-mail (*eletronic mail*/correio eletrônico). Prática comum de uma determinada época, a escrita de cartas esmoreceu acompanhando o fim do século XX.

O novo milênio não se apresentou como campo propício para a prática epistolar tradicional e é nesse sentido que fala-se no fim da era epistolar. Ao negar entrada para a escrita de cartas como forma de comunicação, construiu, por outro lado, a sobrevivência das correspondências exigindo delas transformações em suas estrutura e finalidades.

O escambo temporal assegurou, portanto, o transporte da carta para os dias de hoje ao mesmo tempo em que garantiu que tal ocorreu sob os seus próprios termos. Em uma entrevista para a revista **Teresa** (2008), Walnice Nogueira Galvão sintetiza o contraste suscitado, entre o “fim” das missivas e o estabelecimento das pesquisas, quando interpelada sobre a presença cada vez mais recorrente de estudos sobre cartas:

Por outro lado, já começamos a observar o aparecimento expressivo de estudos dedicados à carta:

Trata-se de duas faces do mesmo fenômeno. A disseminação do computador acabou com a carta e, na hora em que a matou, descobriram que era um objeto precioso [...] Com a popularização do PC, do correio eletrônico, ninguém mais escreve cartas. Então todo mundo botou a mão na cabeça, dizendo: “Meu Deus, que preciosidade! Desapareceu! Vamos estudar!”. É bem materialista minha explicação (GALVÃO, Wlanice. À margem da carta: entrevista. [2008]. São Paulo: *Teresa*: revista de Literatura Brasileira. Entrevista concedida a Marcos Antônio de Moraes).

Diante desse panorama o livro **Cartas na mesa**, com as cartas do escritor Fernando Sabino para os amigos Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos e Hélio Pellegrino, transporta para a época dos e-mails as correspondências enviadas por Sabino para os amigos ao longo de 49 anos de amizade iniciadas em novembro de 1943 até novembro de 1992.

Diante das diferenças temporais interpostas entre as correspondências do escritor e o tempo atual, em que a comunicação ocorre através de mensagens rápidas, depara-se com outras disparidades forjadas pelas mudanças históricas e culturais. Como, então, situar as cartas de Sabino à luz das diferenças suscitadas no século XXI?

Será necessário circunscrever tais diferenças, não reduzidas somente a questão temporal, em uma teorização que objetive ler as cartas de Fernando Sabino, em **Cartas na mesa**, a partir do conceito de fronteira, entendendo-a como geográfica e epistemológica. Considerando-se que, se cada diferença pressupõe uma fronteira, é coerente pensá-las a partir do pressuposto de que são o que relacionam semelhanças e diferenças.

Ler as cartas de Fernando Sabino na diferença requer o cuidado de não reduzi-las ao pensamento binarista e muito menos limita-las a uma análise textual, visto se tratarem de

procedimentos já empregados por leituras críticas. Ler a partir dos espaços fronteiriços é ler *as e nas* fronteiras, um espaço indecível, esfumado e poroso.

Do início ao seu momento atual a crítica epistolográfica engendrou as mais variadas leituras das cartas produzidas no Brasil. A vertente que mais se destaca, devido a recorrência, é a leitura textual empregada em prol da obra literária.

Ao ser instaurado em um espaço paratextual o nomadismo epistolar é amenizado e passa a ser privilegiada uma leitura voltada muito mais para a obra literária do que para outros elementos exteriores. A consequência desse modo particular de leitura e pesquisa inviabilizou a consolidação de uma epistemologia própria a carta e que a percebesse não somente como o “veículo” que transporta teorias, mas também como uma forma de conhecimento.

A perspectiva fronteiriça a partir da qual a teorização da carta é concebida reforça que trata-se de uma pesquisa descritiva e de natureza bibliográfica visto que se aprofunda na problemática apresentada, como ler as cartas hoje?. A fim de constituir um espaço de emergência em que as correspondências serão discutidas pelo viés da fronteira geográfica e epistemológica.

## II – Cartas na mesa

Posso afirmar que, se eu não tivesse conseguido fazer mais nada na vida, esta amizade tão intensa, duradoura e valiosa, já teria sido o melhor que eu poderia desejar (SABINO, 2002, p. 11).

As cartas do escritor mineiro Fernando Sabino para seus amigos de Minas Gerais atestam uma longa relação de amizade que perdurou até a morte de Sabino em Outubro de 2004. **Cartas na mesa**, publicado dois anos antes do falecimento do escritor, integra uma linha de publicações de cartas de Sabino com amigos como Clarice Lispector e Mário de Andrade.

Penúltimo livro publicado, antecedido por **Cartas a um jovem escritor** (1981) e **Cartas perto do coração** (2001), precedido por **Cartas a um jovem escritor e suas respostas** (2003), **Cartas na mesa** é regido pelo mesmo princípio que o de seus antecessores: o de que a publicação das cartas, após o falecimento dos correspondentes, é homenagem e uma forma de recordar os amigos, visto que: “Em muitas correspondências, os fantasmas ganham rosto, as máscaras caem, as influências se revelam, as dominações se explicam” (SANTOS, 1998, p. 15).

Sabino, Lara Resende, Mendes Campos e Pellegrino integram uma geração de escritores mineiros que, situados ao lado de Carlos Drummond de Andrade, Lúcio Cardoso, Cyro dos Anjos e Pedro Nava, migraram para o Rio de Janeiro. Tal movimento de desterritorialização se converteu em mudança que marcou a Cultura e a Literatura Brasileira, não à revelia, muitas vezes Fernando Sabino e seus amigos são mencionados como uma espécie de quarteto literário e denominados como os “Quatro mineiros de um íntimo apocalipse”.

No que concerne ao campo dos estudos acadêmicos o portal da agência de pesquisa CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) não possui registro de trabalho, a nível de mestrado ou doutorado cujo recorte de estudos recaia nas cartas de Sabino para os amigos. Diante dessa conjuntura a carência de um estudo reverte-se em fissura para a memória cultural brasileira, além de manter ocultas da academia correspondências que possibilitam um maior esclarecimento sobre a literatura e as relações políticas instituídas a partir do texto, como a amizade.

As pesquisas registradas no portal abarcam parte do epistolário de Fernando Sabino como as dissertações “Vida e literatura nas cartas de Sabino, Mário e Clarice” de Cristina Gonçalves Ferreira de Souza Dutra, “Carta, Lição e encenação em Clarice Lispector” de Karine Aragão dos Santos Freitas, “Clarice Lispector: a escritura e o ofício de escritor em **Cartas Perto do Coração**”, de Priscila Berti Domingos, “CLARICE / FERNANDO / FRANCINE: amizades de entrevistas críticas” de Francine Carla de Salles Cunha Rojas e a tese “Aos leitores, as cartas: proposta de edição anotada da correspondência de Murilo Rubião com Fernando Sabino, Mário de Andrade e Otto Lara Resende” de Cleber Araújo Cabral.

A ausência de pesquisas mais pontuais, por exemplo, impossibilitou a perspectiva de que uma *teorização* (MIGNOLO, 2003) da carta fosse tecida à luz de **Cartas na mesa**. Dessa forma, a escolha pelo livro como objeto objetiva engendrar uma teorização calcada no livro e embasada nos apontamentos da Crítica Biográfica e da pós-colonialidade.

Para tanto é necessário assinalar que o livro comporta *somente* as cartas de Fernando Sabino para os amigos. A ausência das cartas por parte de Mendes Campos, Pellegrino e Lara Resende (as cartas deste último foram publicadas um livro separado, **O rio é tão longe**) reverte-se em instrumento que auxilia a realização do objetivo.

Outra questão a ser considerada é a diferença entre teoria e teorização basilar para a discussão. Walter Mignolo em **Histórias locais/projetos globais** (2003) comenta que a rubrica teoria é uma “[...] mercadoria acadêmica (da mesma forma que as teorias pós-modernas foram e estão sendo mercantilizadas)” (MIGNOLO, 2003, p. 145 - 146) enquanto que a teorização é uma prática epistemológica constituída nas fronteiras.

A partir da lacuna ocasionada pela ausência das cartas-respostas dos amigos é constituída uma teorização que considera o papel do leitor das cartas como co-destinatários. Valendo-se do direito do usucapião se apossa de textos alheios os quais, originalmente, não foram a ele destinados, posto que “Ao serem lidas no seu estatuto de texto, as cartas se integram ao domínio da ficção, sendo, portanto, motivo de interpretação contraditórias” (SOUZA, 2011, p. 163). O direito exclusivo promulgados pela normativa da instituição postal é abolido do universo

epistolar, e auxiliadas pela publicação, as correspondências se inscrevem na memória através da leitura, sito é:

Ao ler, deixamos que a obra inscreva sua marca na nossa memória, ao mesmo tempo em que fincamos o marco no território que foi de um e passou a ser de todos. Ao fincá-lo, abolimos para todo o sempre o pertencimento exclusivo da obra ao seu autor e à sua época (SANTIAGO, 2006, p. 60).

O acréscimo de um destinatário desconhecido pelo remetente, quando do momento da escrita, e pelo destinatário de origem é justificado pela publicação no suporte livro visto que: “Carta-livro é assim, faz-se sujeita a olhares diversos, instaura leituras coletivas que desdobram o movimento binário da troca de correspondência numa produção infinita de co-destinatários” (NASCIMENTO, 1997, p. 115). A apropriação por parte do leitor é consequência do fato de que a carta já não mais pertence ao remetente, por ser lida em tempos e em culturas distintas:

12) Uma carta, na realidade, transcende, por sua própria materialidade, a ‘vontade’ de quem a escreveu (já que poderá ter diversas apropriações por parte de quem as leu) e passa a circular em uma “área” que pode escapar – inteira ou parcialmente – do universo do remetente. Além do que, segundo sua “vigência histórica”, poderá ser lida em tempo(s) e cultura(s) inteiramente insuspeitados no momento de sua produção/leitura “originais” (NEVES, 1988, p. 192 - 193).

A publicação dos livros de missivas de Fernando Sabino e/ou dos destinatários correspondentes é problematizado pelo fato de que Sabino atuou como remetente, destinatário e editor dos livros. Ao tomar para si a tarefa, o escritor assume que as cartas trocadas com os amigos serão lidas por desconhecidos, portanto a publicação delega ao leitor e pesquisador “[...] o direito de construir também sua história e interpretação do enredo [...]” (SOUZA, 2011, p. 54)”.

Muitas vezes, as publicações de correspondências estão envoltas em hesitação, apesar de não ser o caso de **Cartas na mesa**. Sabino suscita a questão quando considera publicar as cartas trocadas com Mário de Andrade em correspondência para Otto Lara Resende no dia 28 de julho de 1969:

Agora retorno à honestidade epistolar, pode contar certo. Se duvida, experimente responder esta imediatamente, que retruco na bucha. Aliás, verifico que a de 25 é outra, a de hoje é de 29, na qual você volta a falar no caso das cartas de Mário. Não sei, era preciso ler as cartas com calma, ver se vale a pena. Tenho as minhas, as suas, as dos demais amigos, como o Iglésias, e até hoje não cheguei à conclusão sobre se vale ou não a pena publicar, um caso destes a gente não pode decidir assim sem amis nem menos. Se houvesse jeito de ter cópia (cópia, não original) das cartas sem compromisso, com um prazo de dois meses de opção, então seria mais fácil decidir (SABINO, 2002, p. 289).

Os estudos epistolográficos, ainda que se detenham nos leitores de correspondências publicadas, não os consideram como parte integrante da teoria da carta. Seu gesto acaba por privilegiar remetente e destinatário e excluir os leitores interessados em tais publicações. É lúcido considerar que uma teorização da carta será sobre remetente e destinatários assim como também será sobre os co-destinatários cujos endereços não foram oficialmente inscritos no envelope.

A teorização da carta a partir de **Cartas na mesa** não justificar-se-á somente por considerar o leitor como co-destinatário e, por conseguinte, como elemento importante no processo crítico. Mas, sobretudo, por transcender os limites de uma análise textual considerando as correspondências como uma epistemologia anfíbia e que atravessa épocas.

A sobrevivência das cartas como um todo, e as de **Cartas na mesa** em especial, é devida a combinação de fatores como a hibridez epistolar e pelas publicações cada vez mais continua de cartas, sendo a mais recente **Com o mar por meio: uma amizade em cartas** (2017), com as missivas de Jorge Amado e José Saramago.

Apesar de sua sobrevivência, a carta não possui arcabouço sólido devido a contínua abordagem sofrida, em que seu papel consiste em agir como suporte de algo a ser demonstrado, ao conceber a teorização da carta solidifica-se o gênero epistolar no campo de estudos críticos.

Sob essa perspectiva a Crítica Biográfica engendrada nos últimos anos proporciona uma nova ótica ao abarcar as produções ficcionais e, também, os documentos de um autor, pois como explica Eneida Maria de Souza: “A crítica biográfica, ao escolher tanto a produção ficcional quanto a documental do autor – correspondência, depoimentos, ensaios, crítica – desloca o lugar exclusivo da literatura como *corpus* de análise e expande o feixe de relações culturais” (SOUZA, 2007, p. 106).

Posto que, até então, a carta era vista como um suporte da obra literária, entregando uma leitura que adentrava no objeto por entender que aí se encontrava *quicá* a gênese do texto literário, e também percebida como uma ferramenta utilizada para atestar uma verdade promulgada pelo discurso histórico. Tal tendência preponderou e, em prol da relação entre as cartas e outros objetos, as diferenças foram esquecidas para benefício de uma aproximação pelas semelhanças. A crítica textual obteve, portanto, a disjunção entre o texto literário e o contexto de sua produção, sobre o assunto Souza comenta que:

A separação operada pela crítica textual entre autor e obra, biografia e literatura, história e escrita considerava como critério valorativo a autonomia do texto frente ao contexto de sua produção, excluindo-se aí os documentos pessoais do escritor, como a troca de correspondência mantida com os seus pares [...] (SOUZA, 201, p. 161).

A percepção acaba por sequestrar às correspondências um espaço em que configura como forma de conhecimento. Esse espaço epistemológico é fronteiro por excelência visto que nele incorre o diálogo entre as diferenças. Em **Histórias locais/projetos globais** Walter Mignolo já destacava a importância de uma teorização fronteira ao comentar que: “[...] uma das versões que antevjo e defendo é a de pensar a partir da fronteira [...]” (MIGNOLO, 2003, p. 159).

A teorização epistolar, como proposta, a partir das fronteiras não descarta a produção de saberes envoltos em uma crítica textual, mas situa-as em um tempo histórico do qual a missiva se alimentou sob a via da construção narrativa do remetente.

O século XXI possibilita que, além da análise da carta enquanto texto, a correspondência passe a ser estudada por sua característica mais proeminente, a hibridez. De vertente tanto textual quanto cultural, a hibridez epistolar reivindica ao leitor uma forma de ler que estabeleça relações entre o texto epistolar e a cultura.

A questão sobre como ler as cartas de Fernando Sabino, escritas dentro do século XX, em um novo milênio comporta a consciência de que uma visada teórica estritamente literária não está equipada para tanto. Ler correspondências no século XXI requer uma leitura feita a partir do conceito de fronteira intercalado com o de hibridez (textual e cultural).

Do campo da hibridez textual não se pode escapar do plano de discussão o fato de que Fernando Sabino foi cronista, contista e romancista e que as atividades por ele desempenhadas estão presentes na carta. Dessa forma, possíveis aproximações entre os gêneros são realizadas.

Carta e crônica se avizinham pela preocupação em narrar episódios do cotidiano, das margens das cartas a crônica se nutre e das bordas da crônica recaem assuntos tratados nas correspondências, assim “[...] a carta, forma bastante diferenciada dentro de seus próprios limites, caracteriza-se pela instabilidade de suas formas e flexibilidade de seu uso” (HAROUCHE-BOUZINAC, 2016, p. 12).

A interferência de outros gêneros referentes a esfera do *bios* de Sabino realça que as cartas são “[...] textos híbridos e rebeldes a quaisquer identificações genéricas” (DIAZ, 2016, p. 11). Em carta de 21 de setembro de 1946 para Paulo Mendes Campos, Sabino escreve sob a forma de reclamação oficial uma reprimenda para o amigo:

Ilm.º Sr.  
Paulo Mendes Campos  
D. Redator do “Correio da Manhã”  
Av. Copacabana, 787 – ap (a/c Dona Zilda)  
Rio de Janeiro – Brasil

Prezado Sr.:

*Crônicas semanais* – Temos o prazer de passar às mãos de V.S p segundo artigo, que esperamos na siga o mesmo destino do primeiro, ou seja, que o seu recebimento seja pelo menos devidamente acusado.

*Correspondência* – Levamos ao conhecimento de V.S que temos recebido correspondência firmada pelo Srs. Lara Resende & Pellegrino, em resposta a nossa, sem que o mesmo tenha acontecido de sua parte, sinceramente acreditamos que as razões de tão insistente quão descortês silêncio não decorram das libações às quais V.S é uzeiro e vezeiro, nem de desentendimentos com o Sr. Enconsta Rego ou Sr. Pompon de Souza, Diretores das respectivas empresas jornalísticas às quais está afeto o assunto em causa, ou ainda dificuldades financeiras no que concerne à selagem das cartas.

*Atividades literárias* – Pelos jornais recebidos de outros amigos refratários ao esquecimento, temos podido acompanhar a intensa atividade literária de V.S encaixa no decorrer do texto com tamanha habilidade.

*Atividades amorosas* - Esperamos que V.S continue, neste tão delicado quão atraente ramo de atividade, a encaixar também com a costumeira habilidade. Aguardando a prezada resposta de V.S., sem o que não voltaremos mais ao assunto, servimo-nos do ensejo para apresentar-lhe os protestos de nossa elevada estima e distinta consideração (SABINO, 2002, p. 102).

Quais são os parâmetros que embasam a leitura de uma carta como essa, por exemplo? Trata-se de carta, o leitor sabe posto que foi publicada em um livro de correspondências, mas não pode ser ignorada a forma escolhida para a escrita, a de uma carta-reclamação oficial, o que destoa das demais que compõem o volume.

Não se pode generalizar, pois as identificações genéricas são construídas a base de incorporação das semelhanças, no intuito de facilitar a identificação e a compreensão. Ao passo que a hibridez epistolar carrega as diferenças inscritas em seu corpo de papel.

Ler as cartas a partir das fronteiras é tomar a hibridez como característica que reside nesse espaço poroso e indecível. Transitar nesse meio requer às correspondências maleabilidade ao considerar que: “A flexibilidade da carta faz com que ela se adapte a diversos usos que definirão as diferentes ramificações do gênero” (HAROUCHE-BOUZINAC, 2016, p. 39).

No que se refere a hibridez cultural é necessário entrelaçá-la com a prerrogativas da memória atravessada pelo tempo, na medida em que, se “Os objetos são dotados de memória e de forte marca do passado” (SOUZA, 2011, p. 43), então, as correspondências de **Cartas na mesa** são consideradas como textos *da* memória, sobretudo por serem textos da cultura e por evocarem recordações do passado costuradas com reflexões sobre o momento vivido. Ressaltando que “[...] o espacial e o temporal são dados relevantes que permitem ligar a correspondência a um tempo histórico, obviamente sujeito ao domínio e vivência de um indivíduo” (SANTOS, 1998, p. 24).

Por se tratar do registro de uma época, de um País e de um intelectual a memória se encontra ali inscrita como demonstra a carta de 12 de maio de 1970, durante a Ditadura militar, para o amigo Otto Lara Resende, em que comenta sobre a situação política do país e as práticas de tortura:

Uma página e nem comecei. Notícias rápidas: negócio de censura previa está com jeito de não pegar. A política continua podre, mas sempre há jeito de não se tomar conhecimento – a praia continua animada. A coisa grave são as torturas, atualmente oficializadas, baixaram uma cortina de silêncio sobre o assunto e estão condenando quem divulgue. O Castelinho resolveu mandar brasa e já está incomodando o Governo com seus (ótimos) artigos pregando a volta à democracia. O Castelinho hoje é outro homem, lépido, fagueiro, uisquinho aqui, papinho animado (com elas) ali (SABINO, 2002, p. 297).

Protegida pelo papel e resguardada pela intenção do remetente editor, a inscrição de momentos vividos com os amigos ou descritos para estes ganham sobrevida na esfera atual e reforçam a aura da carta como objeto cuja prática era recorrente outrora e que foi desvanecendo.

A ideia de Teoria da carta proclama o desaparecimento do objeto em contraposição as novas tecnologias. Em outro sentido, a teorização epistolar aponta para a sobrevida, pois entende que a correspondência, ainda que não frequentemente praticada em sua forma tradicional, constrói seu espaço de convivência. Seja na literatura, com os romances epistolares e contos escritos em forma de carta, seja através de publicações das cartas de escritores ou aquelas escritas como exercício ficcional de homenagem, a sobrevivência postal transita nas fronteiras dos gêneros, das epistemologias e das épocas.

Se a teorização, como pontua Mignolo (2003), permite o descentramento das práticas teóricas, a teorização da carta possibilita articular por fora das teorias repetidas à exaustão. Delinear uma teorização e não uma teoria da carta é entender que a escrita epistolar se faz destinada a posteridade. Nesse sentido trata-se de um *working in progress* elaborado em uma determinada época, mas que a atravessa carregando consigo marcas.

A gênese de uma teorização da carta encontra-se na política da amizade instaurada entre os amigos e sua relevância reside em que é uma relação política a qual “[...] supõe a desproporção. Exige uma certa ruptura da reciprocidade ou de desigualdade, e também a interrupção entre o eu e o tu [...]” (DERRIDA, 2003, p. 74).

Teorizar a partir das cartas dos amigos Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos e Hélio Pellegrino, é, em igual medida, teorizar a relação de amizade entre o leitor e carta, entre leitor e Sabino, uma vez que “A figura de um amigo, ou melhor; qualquer amizade, demanda, desde o princípio, uma aliança, um compromisso sem *status* institucional, reservando o espaço necessário à crítica” (NOLASCO, 2010, p. 38). Ao leitor, como recorda Santiago, a amizade é de cunho metafórico por ser intermediada pela letra. A relação é possibilitada pela publicação das cartas o que delega ao leitor a posse do texto, pois “A lei do leitor é a lei do usucapião” (SANTIAGO, 2006, p. 60).

O espaço da crítica em **Cartas na mesa** é o do papel no qual Sabino conversa com os amigos e, ao mesmo tempo, em que discorre sobre acontecimentos, comenta, pede notícias, fala de sua literatura bem como a de outros. Nela, Fernando Sabino não se retrai e assume para si o papel de crítico da obra de seus amigos, como explicita a carta de 24 de novembro de 1943:

Juiz de fora, 24-11-43.

Meus jovens mentecaptos Hélio e Otto,

Li o seu poema de novo, para falar nele, Hélio. É realmente muito bom, como já disse noutra carta (que não envie). Acho que você está conseguindo uma concisão, uma condensação poética, menos espalhado, menos lirismo, menos amargura, mais seco, até no ritmo – você também não acha, Otto? Olha só que amargura desgraçada, sem nenhuma esperança, sem remissão, quando você diz: “mastigar esperança é muito fácil / vamos para a morte sem o menor brilho”. Fico satisfeito de ver que você está se libertando do que eu achava o seu maior defeito: certo tom grandiloquente, tom maior – você agora está tocando em tom menor, percebeu? E justamente os versos em tom maior (“juntos marcharemos”, “vamos todos juntos triturar areia”) me parecem de

menos bom gosto, pouco expressivo, ao lado de versos como “mão dos sem repouso”, “e um pingar de horas, lento, sem remédio” [...] (SABINO, 2002, p. 17-18).

Nesse espaço é que se entende a emergência da teorização epistolar. A amizade, como relação não institucionalizada, é essencialmente crítica por não se valer do espaço comum da concordância como moeda de troca. Aos amigos reserva-se o espaço do embate, do diálogo, da diferença. Nessa perspectiva a crítica biográfica constitui “[...] uma nova forma de ler as relações pessoais, sociais e culturais de modo crítico diferente. Sobretudo por estar baseada no cuidado e na preservação da boa-distância que precisa ser mantida” (NOLASCO, 2010, p. 49).

No universo literário a amizade compreende a prática de gestos críticos frutos da leitura, tal prática não é passível de um modelo de amizade familiar cuja figura central é o amigo-irmão que institui hierarquia embasada na compreensão como modo de neutralizar as diferenças, posto que “A fratriarquia pode compreender os primos e as irmãs mas, vê-lo-emos, compreender pode também querer dizer neutralizar” (DERRIDA, 2003, p. 11).

Pensar a teorização como uma política da amizade é entender que a discussão epistemológica envolta nas correspondências é atravessada pelas fronteiras, espaço em que semelhanças e diferenças confluem, dessa forma, ler no século XXI cartas escritas em outra época é, sobretudo, ler na diferença.

A fim de cumprir com os objetivos a Tese será dividida em três capítulos, além de introdução e conclusão. O primeiro, de teor mais teórico, se deterá em uma discussão centrada no argumento de que a epistemologia da teorização epistolográfica encontra-se dentro e fora das cartas. O segundo capítulo salientará abarcará uma reflexão sobre as cartas a partir do duplo conceito de fronteira, geográfica e epistemológica, visto tratar-se da proposta central da Tese, a de pensar as cartas a partir das fronteiras. O último capítulo contemplará a discussão em torno da amizade como a gênese da teorização epistolar em que as fronteiras entre remetentes, destinatários e co-destinatários são esmaecidas.

**ABSTRACT:** In order to erect a theorizing of the letter, the article *fucking without a book Letters in the table* (2003), volume with letters of the writer Fernando Sabino for the friends Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende and Hélio Pellegrino. As letters constitute relevant documentation of a friendship that imprinted a mark in Brazilian Literature. The thesis is that in order to read as letters in the 21st century, an articulation imbrincada in the concept of border is demanded. The discussion will emerge from Walter Mignolo's notes in *Local Stories / Global Projects* (2003) seen as the critic mentioned in the nature of the frontier. One need for an epistolary theorization to arise from the frontier perspective is justified by the fact that the discussion often focuses on highlighting features such as textual hybridity without considering it as cultural changes. The theoretical basis is based on *Biographical Critique and post-coloniality*.

**Keywords:** Letters. Theorization. Borders. Friendship.

## **REFERÊNCIAS**

DERRIDA, Jacques. **Políticas da amizade**. 1ª ed. Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Campo das letras, 2003.

DIAZ, Brigitte. **O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da Correspondência em Alguns Percursos de Escritores no Século XIX**. Trad. Brigitte Hervot e Sandra Ferreira. São Paulo: EDUSP, 2016.

HAROUCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas epistolares**. Trad. Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: EDUSP, 2016.

GALVÃO, Walnice N.; GOTLIB, Nádia Battella. **Prezado senhora, Prezada senhora: um estudo sobre cartas**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

NEVES, Luiz F. B. **As máscaras da totalidade totalitária**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1988.

NOLASCO, Edgar César. Políticas da crítica biográfica. In: **CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: crítica biográfica**. v. 2 n. 4 Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2010, 35-50 p.

SABINO, Fernando. **Cartas na mesa**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SANTIAGO, Silviano. **Ora(Direis) puxar conversa!**: ensaios literários. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SANTOS, Matildes D. **Ao sol carta é farol: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas**. São Paulo: Annablume, 1992.

NASCIMENTO, Lyslei de Souza. “Vínculos e gavinhas”. SCHMIDT, Paulo; SOUZA, Eneida M. de. (Orgs). **Mário de andrade: carta aos mineiros**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

SOUZA, Eneida M. **Crítica cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SOUZA, Eneida M. **Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

GALVÃO, Wlanice. À margem da carta: entrevista. [2008]. São Paulo: *Teresa*: revista de Literatura Brasileira. Entrevista concedida a Marcos Antônio de Moraes